

Orientações Pedagógicas

Crônica

9º Ano | 2º Bimestre | 1º Ciclo

Apresentação

As *Orientações Pedagógicas* oferecem a você um guia acadêmico panorâmico em relação às variadas possibilidades de desenvolvimento dos tópicos previstos no eixo bimestral do Currículo Mínimo. Aqui se expõem e comentam detalhadamente três tipos de materiais que você pode utilizar para planejar suas aulas: livros teóricos para a complementação da sua formação, livros didáticos adotados na rede e *links* que disponibilizam materiais de qualidade. Tudo isso, vale frisar, está explicitamente relacionado aos tópicos a serem abordados no bimestre em questão e, com frequência, está recortado através da indicação de capítulos ou trechos específicos.

As *Orientações Pedagógicas* apresentam estrutura regular e facilmente reconhecível. São divididas em seções que estão organizadas em torno de perguntas que guiam nossas reflexões, como seguem:

O que ensinar?

- **Esta seção retoma os descritores do Currículo Mínimo a serem desenvolvidos no bimestre em questão, de modo que esses sirvam como referência para a construção das demais seções e, já no Roteiro de Atividades, possam ser concretizados através de atividades específicas.**

Por que ensinar?

- **Comenta fundamentação teórica que justifica a presença dos assuntos propostos no Currículo Mínimo e a relevância dos mesmos. Também indica o lugar ocupado pelo gênero textual em questão na organização curricular, assim como sua circulação efetiva, sua relevância social e visibilidade.**

Condições prévias para aprender

- Apresenta conceitos e atividades considerados pré-requisitos para o desenvolvimento dos descritores estabelecidos no eixo bimestral e expõe a infraestrutura básica para desenvolver as atividades propostas.

Como ensinar?

- Descreve e comenta estratégias relacionadas ao desenvolvimento dos conteúdos previstos e ainda seleciona e comenta livros teóricos, livros didáticos e *links* que contenham material a ser usado por você na fase de planejamento das suas aulas.

Como avaliar?

- Sugere caminhos para a elaboração das atividades de avaliação, tendo em vista a busca de coerência em relação ao trabalho desenvolvido ao longo do eixo bimestral. Destaca tópicos e estratégias para orientar os alunos no sentido do aperfeiçoamento de suas habilidades e competências.



O que ensinar?

Leitura

- Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.
- Identificar os elementos do enredo: apresentação, complicação, clímax e desfecho.
- Distinguir texto ficcional e não-ficcional; fato e opinião.
- Reconhecer a importância da crônica e do conto na literatura nacional.

Uso da Língua

- Identificar a presença de figuras de palavra, pensamento e de sintaxe nos gêneros estudados.
- Reconhecer e usar adequadamente a paragrafação e a pontuação.
- Reconhecer o encadeamento das orações pelo mecanismo da coordenação.
- Relacionar o uso de conjunções coordenativas variadas aos sentidos produzidos nas sequências.
- Identificar o uso dos discursos direto e indireto.

Produção Textual

- Planejar e produzir um texto narrativo, com base nos gêneros estudados.

Por que ensinar?

“(...) uma proposta de ensino-aprendizagem organizada a partir de gêneros textuais permite ao professor a observação e a avaliação das capacidades de linguagem dos alunos; antes e durante sua realização, fornecendo-lhe orientações mais precisas para sua intervenção didática. Para os alunos, o trabalho com gêneros constitui, por um lado, uma forma de se confrontar com situações sociais efetivas de produção e leitura de textos e, por outro, uma maneira de dominá-los progressivamente.”

Conforme temos reiterado em diferentes *Orientações Pedagógicas*, os *Parâmetros Curriculares Nacionais* buscam sugerir um programa de trabalho para o desenvolvimento da leitura e da escrita da língua portuguesa a partir dos gêneros textuais. Segundo o documento, os gêneros precisam ser agrupados e estudados ao longo de todos os ciclos que compõem o Ensino Fundamental e de todas as séries que integram o Ensino Médio.

A necessidade do agrupamento dos gêneros levando-se em consideração a idade dos alunos, seus interesses, as condições prévias para a aprendizagem orientaram a distribuição dos conteúdos no *Currículo Mínimo* de Língua Portuguesa da Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro. Todo o esforço empreendido na elaboração de nossa proposta curricular tem por base a premissa de que as atividades de leitura, uso da língua e produção textual, pautadas nos gêneros textuais, fornecem elementos imprescindíveis para que nossos alunos construam sentidos para as práticas com a linguagem na escola, extraindo delas, significação para a vida cotidiana.

De acordo com os PCNs,

A leitura tem sido objeto de ensino nas escolas e para que se torne em objeto de aprendizagem é preciso que a mesma faça sentido para o aluno, acrescenta ainda que: como se trata de uma prática social complexa, se a escola pretende converter a leitura em objeto de aprendizagem deve preservar sua natureza e complexidade, sem descaracterizá-la. Isso significa trabalhar com a diversidade de textos e de combinação entre eles. Significa trabalhar com a diversidade de objetivos e modalidades que caracteriza a leitura, ou seja, os diferentes 'para quês'...¹

Consoante as orientações nacionais, em nossa proposta, os diferentes gêneros mostram-se de relevância fundamental para que os alunos possam construir, de modo significativo, conhecimentos inerentes à língua materna, partindo não apenas da análise da língua em funcionamento, mas também do funcionamento da nossa sociedade em meio a tantas práticas discursivas que a permeiam.

No bimestre que ora iniciamos, nossa atenção está voltada para dois diferentes gêneros textuais: a crônica (no primeiro ciclo) e o conto (no segundo ciclo). Em ambos, há o predomínio do modo de organização narrativo do discurso, que são de ordem "linguageira", reunindo certos procedimentos da cena comunicacional que correspondem a determinadas finalidades (argumentar, descrever, relatar).²

¹ BRASIL. MEC, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Secretaria de Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001. Brasil, 2001, p. 54.

² Cabe salientar que, por conta de haver várias formas de organizar uma crônica, não se pode afirmar que só haja crônicas narrativas, como se verá neste mesmo documento. Entretanto, os descritores do currículo mínimo privilegiam o modo

A narração está relacionada à finalidade de relatar situações, fatos e acontecimentos, sejam eles reais ou imaginários. Toda narrativa é sustentada, assim, por um processo de intriga, que nada mais é do que a seleção e organização dos fatos, de maneira a formar um todo, ou seja, uma história com o início, meio e fim.

Diante da multiplicidade de gêneros que o modo de organização narrativo comporta, dos limites tênues que os separam e da constatação de que muitas vezes deparamos com textos cuja estrutura e estilo desafiam até mesmo os críticos literários, cabe aqui resgatarmos os caracteres mais singulares da crônica, caracteres esses que se fixaram, conforme veremos, de modo peculiar em nosso país.

Inicialmente, a crônica tinha por finalidade narrar histórias maravilhosas e lendárias, conhecidas como *crônicas medievais*. Entretanto, foi ao longo da tradição humanista portuguesa que o cronista passou a ser reconhecido como um escritor profissional. Nesse período, foi merecedor de destaque Fernão Lopes, cronista-mor da Torre do Tombo, que tinha como incumbência registrar a história dos reis de Portugal. Nesse sentido, a crônica poderia ser considerada como uma forma preliminar da historiografia moderna.

Também de autoria de um português é o texto considerado como a primeira crônica redigida no Brasil. A *Carta de Pero Vaz de Caminha*, endereçada a D. Manuel, não simplesmente contém o registro da “descoberta” de nossas terras: figura como a primeira crônica nacional.

A carta de Pero Vaz de Caminha a el-rei D. Manuel assinala o momento em que, pela primeira vez, a paisagem brasileira desperta o entusiasmo de um cronista, oferecendo-lhe matéria para o texto que seria considerado a nossa certidão de nascimento. Se a carta inaugura o nosso processo literário é bastante discutível. (...) Indiscutível, porém, é que o texto de Caminha é criação de um cronista no melhor sentido literário do termo, pois ele recria com engenho e arte tudo o que ele registra no contato direto com os índios e seus costumes naquele instante de confronto entre a cultura européia e a cultura primitiva³.

de organização narrativo, daí o comentário do texto sobre a predominância desse modo/tipologia nos gêneros citados.

³ Cf. SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1987, 3ª Ed., p.5-6.

Ainda que o texto tivesse uma finalidade específica – dar ao rei de Portugal “boas novas” da terra encontrada – e que tenha recebido o nome de *Carta a El Rey Dom Manuel*, não se pode negar que é uma recriação artística e engenhosa da realidade e, por essa razão, salientou Jorge de Sá que a *Carta de Caminha* é “criação de um cronista no melhor sentido literário do termo”.

Teria nascido aí uma das grandes vocações da crônica no Brasil, ou seja, “registrar o circunstancial”. Muito já se discutiu a respeito daquela que é considerada a Certidão de nascimento do país, mas aqui ela apenas foi citada para demonstrar que um dos seus principais traços característicos remonta à literatura informativa. A crônica seria, então, uma **recriação da realidade em pequenas doses**. Pequenas porque, de fato, a curta extensão é uma de suas marcas, mas não é uma caracterização suficiente para torná-la singular.

Massaud Moisés⁴, ao apresentar o caminho trilhado pela crônica, informa-nos de que o gênero teria sido iniciado por um escritor francês, Jean Louis Geoffroy, em 1800, no *Journal des Débats*, no qual eram periodicamente publicados *Feuilletons*, termo aqui traduzido como “folhetim”. Desse modo, as transformações socioculturais do século XIX foram acompanhadas pelo gênero, tendo surgido aí, no período do Romantismo, os primeiros cronistas.

Marlyse Meyer⁵ conta-nos que o folhetim (*Le feuilleton*) indicava um lugar determinado do jornal: o *rez-de-chaussée* (rés-do-chão, rodapé), normalmente figurando na primeira página. Possuía uma finalidade específica no jornal: era a “janela vazia” para ser ocupada pelo entretenimento. Nesse espaço determinado, diferentes conteúdos começaram a se tornar rotineiros, e, assim, passaram a abrigar semanalmente resenhas de livros, crítica literária e até mesmo romances, que começaram a ser publicados em folhetim, isto é, em pequenas “doses”.

O folhetim não possuía os traços que a crônica tem hoje, seja no Brasil ou em outros países; entretanto, de pouco em pouco, foi-se exibindo um formato que o transformaram em um gênero autêntico e autônomo, afastando-se dessa “seção de variedades” em que se constituía o folhetim e se aproximando do que hoje entendemos como crônica.

A acepção moderna de crônica passou a revestir-se de sentido literário, já que antes era estritamente jornalístico. Massaud Moisés ressalta que a ampla difusão da imprensa trouxe “benefício” ao termo que, então, logo passou a ser entendido como uma “narrativa histórica” que figurava nos jornais impressos.

⁴ MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários**. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2002, p.132.

⁵ MEYER, M. *Voláteis e versáteis*. De variedades e folhetins se fez a chronica. In: **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

O que precisa ser salientado, porém, é que, no Brasil, diferentemente de outros países, o que se vê na crônica não é um registro cronológico de fatos: esses normalmente apenas são pretextos para a escrita das crônicas. Enquanto, em outras partes do mundo, as crônicas servem ao relato de fatos do cotidiano, aqui os fatos do cotidiano são apenas o mote, a matéria para a crônica. Por meio da associação de ideias, de jogos de palavras, de oposições, o autor da crônica elabora sua narrativa, sendo a ele “permitido” mesclar ficcionalidade e realidade, o ficcional e o factual.⁶

Isso mostra que o entendimento sobre o que é a crônica, no jornalismo nacional, difere do entendimento do que é a crônica no jornalismo internacional. É essa uma razão para que Antônio Cândido afirme que a crônica “sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu”⁷. À afirmação de Cândido, podemos justapor outra: a de que a crônica, somente no Brasil, tem “a feição de relato poético do real, situado na fronteira entre a informação de atualidade e a narração literária”⁸.

No contexto internacional, de acordo com Melo, o país onde a crônica apresenta um estilo e caracterização mais próxima da nossa é Portugal. O que aproximaria o gênero nos dois países seria o fato de que, em Portugal, o cronista toma um caminho semelhante ao dos cronistas brasileiros: o fato é o pretexto para a escrita.

Não há dúvidas de que a crônica seja um gênero controvertido. Nesse sentido, Sant’anna⁹ ressalta que há, inclusive, dificuldade de se traduzir o termo crônica em outros países, de modo diverso do que ocorreu aqui no Brasil, onde a palavra consagrou-se com um sentido próprio, assim como também próprio foi o percurso que trilhou.

É Antonio Candido quem propõe a delimitação histórica da crônica moderna em nosso país. Segundo ele, “foi no decênio de 1930 que a crônica moderna se definiu e consolidou no Brasil, como gênero bem nosso, cultivado por um número crescente de escritores e jornalistas”¹⁰. Quanto ao caminho percorrido, resgata a origem do gênero:

⁶ O texto *Um idoso na fila do Detran*, adotado como texto gerador no Roteiro de Atividades deste ciclo, é exemplo disso, uma vez que o autor parece misturar realidade e ficção, muito embora o texto esteja muito mais próximo de um conteúdo não ficcional.

⁷ CÂNDIDO, A. A vida ao rés do chão. In: **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

⁸ MELO, José Marques. **A Opinião No Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis - RJ: Vozes, 1985, p. 111.

⁹ SANT’ANNA, A. R. de. Teoria da crônica. In: **A sedução da palavra**. Brasília: Letra viva, 2000, p. 204.

¹⁰ CÂNDIDO, A. *Op. Cit.*:17.

Aos poucos o folhetim foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje.¹¹

Foi com Machado de Assis que a crônica angariou ainda mais prestígio no jornal impresso, ainda no século XIX. Em seus textos, a cronologia dos fatos não era mais o primordial no gênero: a questão cronológica já havia cedido espaço a muitas outras possibilidades de significação da crônica, assim como à abrangência linguística e temática.

Essa crônica que se faz no Brasil a partir da década de 30, período considerado por Antônio Cândido como o marco da nossa crônica moderna, tem Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos e Fernando Sabino como seus principais representantes, que, em verdade, podem ser vistos como continuadores do que Machado de Assis havia fincado no jornalismo brasileiro.

Se, no começo, o gênero crônica se utilizava dos fatos para elaborar um “relato poético” ou redigir “uma descrição literária”, a crônica moderna, iniciada na década de 30, incorpora a agilidade e a pulsação de um jornalismo em constante estado de metamorfose. De acordo com Afrânio Coutinho¹², embora a crônica mantenha um laço estreito com fatos noticiados no jornal, ela deve ser percebida como arte, já que o cotidiano – diferente do que se passa no jornalismo – é apenas o pretexto usado pelo escritor para exercitar sua “capacidade inventiva”.

Temos visto que, desde o século XIX, portanto, muitos escritores utilizam a crônica para registrar, por um viés literário/jornalístico, os acontecimentos cotidianos de sua época. As características observadas na crônica atualmente, todavia, não estão relacionadas apenas ao desenvolvimento da imprensa. Também estão intimamente ligadas às transformações sociais e à valorização da história social.

O registro da história social, assim como a escrita das crônicas, tem, como uma das finalidades, mostrar a grandiosidade e a singularidade de simples fatos do dia a dia. Ao redigir as crônicas contemporâneas, os autores organizam sua narrativa na primeira ou terceira pessoa do discurso, normalmente como quem conta um caso, em tom muitas vezes intimista.

¹¹ CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. da Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, pág. 15.

¹² COUTINHO, A. **A introdução à literatura no Brasil**. 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p.306.

Ao contar a história, introduzem no texto diálogos nos quais aparecem expressões tipicamente cotidianas, como se estivessem conversando com os leitores. Escrevendo como quem conversa com o leitor, os cronistas envolvem-nos com reflexões sobre a vida política, social, econômica, algumas vezes em tom humorístico, outras em tom de maior seriedade, outras com um ar poético que não nos deixa dúvidas sobre o seu pertencimento à literatura.

Outra importante característica da crônica é apresentar uma linguagem que combina aspectos da língua escrita com outros da língua oral. Ainda que seja um gênero de indiscutível riqueza temática e estrutural, a crônica não é, segundo Antônio Cândido¹³, um “gênero maior”. O fato de ser um gênero menor, entretanto, não a desqualifica de forma alguma, ao contrário: “para muitos pode servir de caminho não apenas para a vida, mas para a literatura”¹⁴.

Lembramos aqui que a multiplicidade temática e também estrutural que a crônica assume na realidade brasileira permitiu aos críticos literários e jornalistas elaborarem diferentes classificações para o gênero. Como o trabalho com os descritores desse bimestre é enriquecido com textos narrativos, inserimos no *Roteiro de Atividades* uma crônica narrativa¹⁵, de Zuenir Ventura, a fim de contribuir para a sistematização desse modo de organização textual, que poderá ser alcançada com o estudo do gênero conto, no segundo ciclo.

Por ser breve, despreziosa, de fácil acesso, a crônica é, para muitos leitores iniciantes – dentre os quais destacamos nossos alunos –, a principal “via de acesso” à leitura de gêneros considerados “maiores”, como o conto e o romance, por exemplo. Essa é uma das razões que justificam o estudo da crônica anteceder, no *Currículo Mínimo*, o estudo do romance (previsto para o 3º e 4º bimestres).

Uma vez que, no sétimo ano de escolaridade, os alunos já tiveram como objeto de estudo alguns gêneros narrativos ficcionais e não ficcionais (narrativa de aventura, suspense, terror, notícia, reportagem) e já foram iniciados naqueles que são os elementos básicos da narrativa (tempo, espaço, enredo, personagens, narrador), os gêneros propostos para análise no 2º bimestre, a crônica e o conto, figuram sob duas óticas complementares: possibilitam uma sistematização amadurecida de conteúdos anteriormente estudados e preparam o aluno para imergir (no terceiro e no quarto bimestres) na leitura do romance, considerado gênero narrativo de maior complexidade e densidade.

¹³ CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. da Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, pág. 13.

¹⁴ CANDIDO, Antonio *Op. Cit.*: 13.

¹⁵ Na seção *Como ensinar*, desenvolveremos com maiores detalhes a questão da classificação das crônicas no Brasil.

A razão para ter sido alocada no 1º ciclo, antes do conto, também é bastante justificável. A crônica, diferente do conto, não se prende na “exemplaridade de um instante da condição humana”, não apresenta a mesma densidade que os contos costumam ter.

Enquanto o contista mergulha de ponta-cabeça na construção do personagem, do tempo, do espaço e da atmosfera que darão força ao fato ‘exemplar’, o cronista age de maneira mais solta, dando a impressão que pretende ficar apenas na superfície de seus próprios comentários (...)¹⁶

Outra justificativa para a inclusão da crônica no *Currículo Mínimo* é a sua ampla circulação social: presentes na mídia impressa e na internet, em inúmeras coleções paradidáticas usadas nas escolas, nos livros didáticos, a crônica, como afirmado anteriormente, é um dos gêneros literários com os quais nossos alunos mantêm maior contato, seja ao longo de sua vida escolar ou para além dos muros da escola.

Para finalizar esta seção, ratificamos que é o traço de naturalidade no trabalho com a língua que faz da crônica, hoje, um gênero textual imprescindível nas práticas de linguagem na escola. Por elaborar um linguajar que nos toca de perto, por sua simplicidade natural ao tratar de temas cotidianos, a crônica auxilia no estabelecimento de fortes vínculos entre a literatura e as experiências pessoais dos alunos, o que contribui para construção significativa da aprendizagem.

Condições prévias para aprender

Como lembramos na seção anterior, no sétimo ano de escolaridade, os alunos foram apresentados a alguns gêneros de essência narrativa. O fato de já terem tido contato anterior com esse modo de organização do discurso, vem facilitar o trabalho desenvolvido nos dois ciclos desse bimestre. Embora não seja um conteúdo completamente novo para os nossos alunos, à medida que avançam nas séries, espera-se que certos descritores anteriormente trabalhados sejam retomados com maior complexidade e profundidade.

¹⁶ SÁ, Jorge de. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1987, 3ª ed., pág. 9.

A observação feita acima não pode ser esquecida quando o trabalho com o descritor “Identificar foco narrativo, espaço, tempo, personagens e conflito”. Assim, será importante re-tomar algumas marcas que singularizam o modo de organização narrativo do discurso, como seus elementos constituintes, por exemplo. É necessário lembrar em que consiste cada um deles para que os alunos possam, em um segundo momento, identificá-los.

Esse descritor poderá ser melhor explorado no segundo ciclo, quando será privilegiado o estudo do conto. Gênero de maior complexidade e extensão, o conto normalmente permite o trabalho com todos os elementos da narrativa, o que não é sempre possível com a crônica, já que há crônicas não-narrativas e, mesmo entre as do tipo narrativo, alguns elementos podem não ser claramente observáveis.

Apesar disso, não se deixa de tratar do descritor no ciclo. Evidentemente que não se observará um aprofundamento, tendo em vista que a construção de personagens em uma crônica, como dito anteriormente, é menos complexa, assim como o conflito existente na narrativa..

Lembramos que determinados aspectos dos elementos da narrativa envolvem necessariamente o conhecimento de questões gramaticais. É o caso do foco narrativo. Para distinguir o narrador personagem do narrador onisciente (ou observador), por exemplo, o aluno precisa reconhecer pronomes e verbos que particularizam a primeira e a terceira pessoa do discurso. Questões relacionadas a marcos temporais também são requisitos para a compreensão, não somente das relações temporais que se dão no texto, mas também para a inteligibilidade do enredo.

Para que haja um bom nível de compreensão do enredo, além de serem fundamentais as relações de anterioridade/posterioridade e causa/consequência, que marcam o gênero narrativo, é necessário que seja recordada com a turma a estrutura típica de enredo dos textos pertencentes a essa tipologia. É importante que sejam retomados, então, esses elementos básicos constituintes, ou seja, apresentação, complicação, clímax e desfecho, sem que se esqueça de salientar que esse trabalho de identificação pode não se dar por completo dependendo do estilo composicional da crônica lida.

O trabalho com os dois descritores relacionados respectivamente aos elementos da narrativa e aos elementos constitutivos do enredo viabiliza, ainda, a discussão sobre a ficcionalidade/não-ficcionalidade dos textos. Para que as atividades se desenvolvam com fluidez, é importante os alunos terem noções a respeito do que seja a verossimilhança e de que ela é a responsável por fazer com que um enredo ficcional pareça ser “real”.

Outra condição prévia para que as atividades com o gênero desse ciclo se deem de modo corrente é o reconhecimento das funções que os sinais de pontuação podem desempenhar no texto. Mais do que elementos de pausa (no interior ou final das sentenças), alguns sinais (sobretudo a interrogação, a exclamação e as reticências) carregam junto a si forte carga semântica, sendo o contexto fundamental para determinarmos os sentidos que eles conferem aos enunciados.

Ainda no tocante às funções dos sinais da pontuação, é fundamental que o aluno reconheça no travessão o recurso mais utilizado (embora não único) pelos escritores na demarcação da fala dos personagens no discurso direto. Contribuir para a diferenciação do discurso direto e indireto não é tarefa exclusiva do travessão: a presença dos verbos *dicendi*, paralelamente à pontuação, é outro fator a ser considerado nesse processo.

No discurso direto, os verbos *dicendi* têm a função, assim como outros sinais gráficos (aspas e travessão), de indicar que está sendo introduzida a fala de um personagem. Além de serem utilizados para presentificar tal fala, seja por meio do discurso direto ou indireto (aqui introduzidos pelas conjunções *que, se*, entre outras formas), os *dicendi* também são fundamentais para a análise do foco narrativo e do possível posicionamento do narrador, tendo em vista que:

- A. o verbo *dicendi* na primeira ou terceira pessoa evidencia se o narrador é um personagem da história ou somente um observador;
- B. o autor, ao fazer a seleção desses verbos e ao elaborar a fala do personagem, poderá, ainda, argumentar contrariamente;
- C. o autor pode tentar direcionar, por meio da escolha dos verbos, o ponto de vista que deseja para o leitor.

Salientamos que o trabalho com a leitura de textos pertencentes a gêneros diversos é uma condição prévia nas atividades que envolvem as habilidades referidas acima, na medida em que auxiliam os alunos na apropriação progressiva das “regras” definidoras do bom uso dos sinais da pontuação e também da paragrafação.

No que diz respeito ao trabalho com as habilidades, “Reconhecer o encadeamento das orações pelo mecanismo da coordenação” e “Relacionar o uso de conjunções coordenativas variadas aos sentidos produzidos nas sequências”, é importante, inicialmente, que os alunos tenham sistematizado os conceitos de frase, oração e período.

Como pretendemos que os alunos tenham uma visão crítica perante a abordagem da gramática tradicional sobre os mecanismos responsáveis pelo encadeamento das orações dentro dos textos, e que essa abordagem parte da análise do período composto, é necessário que os alunos estejam familiarizados com essa nomenclatura, ainda que ela não seja o nosso foco maior.

É fundamental, ainda, que os mecanismos de encadeamento sejam expostos aos alunos no interior dos textos, e não em frases soltas nas quais não é possível trabalhar plenamente com a concepção de **encadeamento**. É a sucessão de períodos na organização textual que fará com que o aluno possa relacionar de forma consciente uma determinada conjunção a um valor semântico específico, e assim, construir os significados globais do texto.

Lembramos, por último, que o bom desenvolvimento das habilidades trabalhadas com nossos alunos nesse bimestre, no primeiro ou segundo ciclos, seja do âmbito da leitura ou do uso da língua, influenciará de modo decisivo a qualidade das produções textuais, onde eles podem demonstrar todas as competências e habilidades que possuem.

Como ensinar?

Como, neste ciclo, é retomado o estudo de dois gêneros narrativos, sugerimos que você monte uma tabela, no quadro ou impressa, a fim de lembrar cada elemento que compõe a narração. Antes mesmo de iniciar o estudo das crônicas propostas para o primeiro ciclo (*Greve inútil e Elogia da Morte*, de Lima Barreto) e de **“Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito”**, peça aos alunos para citarem outros textos narrativos que eles tenham estudado em séries anteriores, buscando resgatar, nessas histórias, os referidos elementos. Essa atividade, com caráter de revisão, facilitará a retomada dos conceitos.

Esse resgate é importante para a apresentação das crônicas, sobretudo das crônicas narrativas. Possivelmente surgirão narrativas de ficção e de aventura. Esse momento pode ser aproveitado para focalizar, ainda, a história desenvolvida em cada uma delas. Desse modo, os alunos serão preparados para **“Identificar os elementos do enredo: apresentação, complicação, clímax e desfecho”**.

Recordamos aqui que o gênero crônica, objeto de estudo por parte de pesquisadores do jornalismo e da literatura, soma diferentes sugestões de classificação. Conforme você poderá observar na síntese que apresentamos na sequência, a crônica muitas vezes pode não apresentar a estrutura prototípica de um texto narrativo.

Antônio Cândido, a partir das diferenças que observa na estrutura da narrativa dos modernos cronistas brasileiros, aponta a seguinte classificação:

- A. **crônica diálogo** – espécie em que o cronista e seu interlocutor imaginário fazem um revezamento, trocando informações e pontos de vista;
- B. **crônica narrativa** – espécie que possui estrutura de ficção e muito se assemelha ao conto;
- C. **Crônica exposição poética** – espécie que constitui uma divagação livre sobre um determinado fato ou opinião;
- D. **Crônica biografia lírica** – espécie de narrativa poética sobre a vida de uma pessoa.

Afrânio Coutinho¹⁷, outro grande nome da crítica literária brasileira, sinaliza a existência de cinco diferentes tipos de crônicas:

- A. **crônica narrativa** – o eixo é uma história (aproxima-se do conto);
- B. **crônica metafísica** – constitui-se de reflexões sobre homens ou fatos;
- C. **crônica poema-em-prosa** – possuidora de conteúdo lírico;
- D. **crônica-comentário** – figura como um comentário sobre temas das mais diversas ordens.

Para o jornalista Luiz Beltrão¹⁸, as crônicas podem ser divididas em dois grandes grupos:

1. Em função da natureza do tema explorado:
 - A. **crônica geral** – possui espaço fixo no jornal e aborda temas variados;
 - B. **crônica local** – também denominada urbana, aborda os fatos cotidianos da cidade;
 - C. **crônica especializada** – o autor é um especialista do tema sobre o qual discorre.
2. Em função do tratamento dado ao tema:
 - A. **analítica** – os fatos são expostos de modo objetivo;
 - B. **sentimental** – o autor busca sensibilizar o leitor;
 - C. **satírico-humorística** – busca criticar, ironizar ou ridicularizar fatos ou pessoas.

As espécies de crônicas que figuram como comentário de um fato ou como reflexão sobre ele não apresentam a estrutura narrativa típica. Sendo assim, a identificação dos elementos do enredo (embora possa ser mais bem explorada no segundo ciclo) deve ser direcionada à crônica “Um idoso na fila do Detran”, pelo seu estilo composicional em favorecer o desenvolvimento dessa habilidade.

¹⁷ COUTINHO, Afrânio. **Antologia brasileira de literatura**. Rio de Janeiro, Letras e Artes, vol.3, 1967.

¹⁸ BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

Quando apresentar aos alunos uma crônica que possua o caráter de comentário ou reflexão sobre um determinado tema (como ocorre em “Greve inútil” e “Elogio da Morte”), pode-se mostrar, caso haja tempo, um esquema de análise diferenciado para o texto. Apresentamos abaixo nossa sugestão:

Título da crônica – possível indicador da posição assumida pelo cronista perante o tema.

Introdução – apresentação do fato que motivou a escritura da crônica.

Desenvolvimento – consiste na reflexão do cronista sobre o fato ou pessoa que motivou a crônica.

Conclusão – apresentação de uma ideia global, que sintetiza e traz à evidência o resultado da reflexão do autor.

Para preparar o aluno para o desenvolvimento da habilidade **“Distinguir texto ficcional e não-ficcional”**, pode-se ressaltar que os fatos constantes de uma história lida não necessariamente são reais, que dispensam a ocorrência no universo exterior ao texto. Por mais que seja verossímil, ou seja, que tenha uma “aparência de real”, que possua laços com o cotidiano, os enredos de crônicas e contos são normalmente **fissionais**.

É importante enfatizar a ideia de que nem toda ficção emerge em forma de narrativa, e que nem toda narrativa é ficcional, tendo por base a constatação de que podemos encontrar a narração em vários gêneros textuais que não são, necessariamente, ficcionais, como por exemplo, muitos textos veiculados em jornais e revistas (notícias, reportagens).

A fim de enriquecer essa distinção, você pode comparar a estrutura da notícia, gênero não-ficcional, aos elementos essenciais de qualquer outro gênero narrativo, como a própria crônica (quando se configura como crônica narrativa) ou o conto. Também aqui podemos montar um quadro comparativo:

Estrutura do <i>Lead</i> de uma notícia	Elemento da Narrativa
Quem?	Personagem
O quê?	Enredo
Quando?	Tempo
Onde?	Espaço

O aluno será levado a perceber, a partir desse breve cotejo, que uma das principais distinções a ser apontada entre uma crônica – que normalmente está baseada em fatos cotidianos – e uma notícia é o fato de a última não pertencer ao **mundo ficcional**.

Outra ação importante que pode ser colocada em prática por você, com o intuito de auxiliar o aluno na habilidade de **“Reconhecer a importância da crônica na literatura nacional”**, é utilizar um determinado tempo do seu plano de aula para contemplar a história da crônica em nosso país. Pode-se começar a atividade partindo da acepção da palavra.

A palavra “crônica”, em sua etimologia, está relacionada ao vocábulo grego “*khrónos*”, que significa tempo. De *khrónos* nasceu *chronikós*, que significa “relacionado ao tempo”. Na língua latina, existia a palavra “*chronica*”, empregada para designar o gênero que fazia o registro dos acontecimentos históricos, obedecendo a uma sequência cronológica.

Como a própria origem do nome comprova, a crônica é um gênero textual que existe desde a Antiguidade e vem sofrendo transformações ao longo do tempo. Os primeiros cronistas relatavam, sobretudo, acontecimentos históricos que diziam respeito a pessoas de linhagem nobre, como reis, rainhas, imperadores etc.

No Brasil, a crônica contemporânea é um gênero que se consolidou em torno do século XIX, com o desenvolvimento da imprensa. A partir dessa época, muitos escritores passaram a registrar a vida social, a política, os costumes e fatos do cotidiano publicando seus escritos em jornais. Ou seja, de um modo geral, importantes escritores começam a usar as crônicas para registrar, de modo ora mais literário, ora mais jornalístico, os acontecimentos cotidianos de sua época.

Grandes nomes de nossa literatura escreveram crônicas em jornais: José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, Raul Pompéia. Machado de Assis, por exemplo, trabalhava no jornal ao mesmo tempo em que cuidava de sua produção literária. Ao entrelaçar notícia e ficção, encontrou formas para a produção de crônicas, escritas com uma linguagem em tom coloquial, como se o autor estivesse em conversa íntima com o leitor, como ocorre em seus romances.

Pode-se, além disso, trazer à luz o tom de crítica que muitos desses autores trazem em seus textos também. Além de entreter o leitor com histórias leves, bem humoradas, a crítica social é também uma constante nesses textos. As crônicas- comentário – só para utilizar a nomenclatura proposta por Antonio Candido – apresentam-se como discussões sobre variados temas que primam por uma reflexão sobre mazelas que atingem a sociedade em diferentes formas.

Mesmo em crônicas predominantemente narrativas, essa possibilidade – de manutenção de tom de crítica social – é bastante comum. Como se trata de discussões de fatos do dia a dia, já seria de se esperar que na apresentação dos fatos houvesse discussões mais agudas sobre política, educação etc.

Convém enfatizar, portanto, a relevância do gênero no panorama literário brasileiro e, se possível, seria interessante organizar com a turma uma antologia de crônicas a partir da seleção feita por eles, posteriormente à leitura voluntária de diferentes crônicas. Cada aluno pode pesquisar e ler três (ou quantas quiser) crônicas de escritores da literatura nacional e selecionar uma para integrar a antologia. Em momento posterior, esse material pode ficar disponível na biblioteca da escola.

Para que os alunos desenvolvam a habilidade de **“Identificar a presença de figuras de palavra, pensamento e de sintaxe nos gêneros estudados”**, inicialmente você pode traçar um paralelo entre a linguagem conotativa e a denotativa, para, em seguida, explicar que, sobretudo nos textos literários, podem figurar simbologias, imagens e novas formas de empregar as palavras nos enunciados para dar conta da expressão de certas ideias e pensamentos impossíveis de serem externados por meio da linguagem denotativa.

Assim, procure reforçar a ideia de que são as figuras de linguagem importantes recursos expressivos usados na escrita (literária ou não) para conferir ao texto novas significações, para torná-lo mais fiel às relações subjetivas que, quem escreve, pretende estabelecer com o mundo. Quando selecionamos da língua, que é um patrimônio comum, palavras e expressões que utilizamos nos processos discursivos, em nome da expressão, afastamo-nos, muitas vezes, das normas da língua.

Sendo assim, esclareça aos alunos que existe uma disciplina denominada **Estilística**¹⁹, cujo campo de ação se distancia do campo da gramática normativa.

Enquanto a *Gramática* estuda as formas linguísticas no seu papel de propiciarem o intercâmbio social da comunidade, cabe à *Estilística* estudar a expressividade delas, isto é, a sua capacidade de transfundir emoção e sugestionar os nossos semelhantes²⁰.

¹⁹ De acordo com Mattoso Câmara, a Estilística é uma disciplina que busca estudar a expressão no sentido estrito da expressividade da linguagem, ou seja, da sua capacidade de emocionar e sugestionar, diferindo da gramática por considerar a linguagem afetiva, enquanto a gramática analisa a linguagem intelectual. (Cf. CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Contribuição à Estilística Portuguesa**. RJ, Padrão, 1976.)

²⁰ ROCHA LIMA, C. H. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980, 21ª ed., pág. 441.

Tendo em vista a relevância do tema da figuratividade e das diferentes correntes teóricas que o discutem, retomaremos esse tópico nas *Orientações Pedagógicas* do segundo ciclo, sugerindo outras possibilidades didáticas para as atividades relacionadas a esse descritor.

Ainda durante o presente ciclo, para que o aluno possa “**Reconhecer o encadeamento das orações pelo mecanismo da coordenação**”, é importante estimular o raciocínio e a análise a fim de que consiga, mais facilmente, compreender os diversos processos de organização dos enunciados em nossa língua.

Sempre utilizando o texto como unidade de análise, há diversos caminhos a serem apresentados aos alunos. Você pode explorar inicialmente, por exemplo, a perspectiva da gramática tradicional, onde a articulação das orações é examinada a partir da análise do período composto.

Nessa perspectiva, o período composto pode ser estruturado por meio do processo da coordenação e da subordinação. A diferença entre elas, nessa abordagem, reside no fato de que as orações coordenadas são independentes uma das outras no plano sintático, enquanto as subordinadas são dependentes.

Ao explicitar essa visão, você pode ressaltar que, embora as orações coordenadas não exerçam funções sintáticas umas sobre as outras não se pode esquecer, entretanto, a relação de dependência semântica que as mesmas mantêm entre si. Essa é a segunda perspectiva sob a qual o tema coordenação deve ser apresentado aos alunos, ou seja, sob a ótica do exame das relações semânticas entre as orações.

Normalmente, a gramática tradicional aborda o processo da coordenação – e também o da subordinação – de modo bastante fragmentário, não enfatizando a devida importância que o mesmo possui na construção de bons textos do ponto de vista da coesão e coerência. Busque reforçar tal relevância junto aos nossos alunos, para que consigam desfazer o mito de que alguns processos sintáticos bastam apenas ser decorados.

O estudo da coordenação deve propiciar ao aluno a compreensão de que esse processo é um dos mecanismos que fazem o texto progredir. Assim, se procedemos a uma análise sob a perspectiva da linguística do texto, devemos ter em mente que a progressão é realizada através de sucessivos encadeamentos. Por meio do **encadeamento**, que pode ser feito pela justaposição ou conexão, são estabelecidas relações semânticas e/ou discursivas entre orações, enunciados e sequências maiores do texto²¹.

²¹ KOCH, Ingedore. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2007, pág. 66.

Na justaposição (também denominada parataxe), as orações apresentam-se em cadeia sem a presença de um conectivo: é o que a gramática tradicional chama de orações coordenadas assindéticas, ou seja, sem síndeto (conjunção). Quando o encadeamento é feito por meio de conectivos, a gramática tradicional atribui a nomenclatura das orações de acordo com as conjunções coordenativas que as introduzem: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas.

No âmbito da conexão, estão localizadas as formas de encadeamento que se dão – entre outros recursos linguísticos – por meio de **conjunções**. Essas são consideradas por Ingendore Koch²² como encadeadores do tipo discursivo. Segundo a autora, esse tipo de conector, ao introduzir um enunciado, determina sua orientação argumentativa. Por esse motivo, as conjunções também são denominadas de **operadores argumentativos**.

As conjunções, assim, podem imprimir ao discurso diferentes relações pragmáticas, discursivas e argumentativas. Quatro dos cinco tipos de relações preconizadas na gramática tradicional são acolhidas no exame sobre encadeamento por conexão desenvolvido por Koch²³. São elas:

1. **conjunção** (adição na gramática tradicional): quando ligam enunciados que constituem argumentos para a mesma conclusão;
2. **contração** (adversidade na gramática tradicional): por meio dela se contrapõem enunciados de orientações argumentativas diferentes, devendo prevalecer a do enunciado introduzido pelo operador **mas** (contudo, porém, todavia etc);
3. **explicação**: quando se encadeia sobre um enunciado outro que justifica ou explica o anterior;
4. **conclusão**: utiliza normalmente os conectores **portanto, logo, pois**, que introduzem um enunciado conclusivo em relação a duas ou mais premissas, sendo uma normalmente implícita, por ser consensual.

Finalmente, gostaríamos de lembrar que não devemos desprezar a abordagem da gramática tradicional, mas sugerimos que você, sempre que possível, apresente a visão tradicional, buscando complementá-la e contrastá-la com as abordagens que fazem do texto a principal unidade geradora de sentidos. Essa atitude, ao mesmo tempo em que estimula a atitude crítica dos alunos perante os conteúdos curriculares, faz com que estes sejam percebidos como parte das nossas práticas discursivas do dia a dia, e não como recursos estanques dos quais nunca lançamos mão.

²² KOCH, Ingendore. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2007.

²³ *Ibidem*, 72-74.

Livros teóricos

- SANTOS, Joaquim Ferreira dos. *As cem melhores crônicas brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

Este livro, de 354 páginas, é uma seleção de crônicas brasileiras desde o ano de 1850 até os dias mais atuais. Ao fim do livro, há um índice por nome dos autores e as referências bibliográficas. A obra pode ser utilizada por você tanto para pesquisar crônicas para uso nas aulas, como para ajudar na atividade da montagem da antologia de crônicas proposta anteriormente.

Habilidade relacionada

Reconhecer a importância da crônica e do conto na literatura nacional.

- SÁ, Jorge de. **A crônica**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

O livro de Jorge de Sá, professor da Universidade Federal Fluminense, de 94 páginas, integra a coleção Princípios. Nele, o autor resgata a importância do gênero narrativo crônica, considerado “menor” pela crítica literária. Após definir o gênero e apontar suas características enquanto estrutura de narração, estabelece uma metodologia de análise. Para tanto, remete o professor aos mais representativos escritores-cronistas: Rubem Braga, Fernando Sabino, Carlos Drummond de Andrade, Stanislaw Ponte Preta.

Habilidade relacionada

Reconhecer a importância da crônica e do conto na literatura nacional.

- CARONE, Flávia de Barros. **Coordenação e Subordinação: Contrastes e Confrontos**. São Paulo: Ática, 1994.

No terceiro capítulo do livro, sobre subordinação e coordenação, Carone refere-se à Nomenclatura Gramatical Brasileira, onde as palavras coordenação e subordinação aparecem somente a partir do item relativo ao período composto, podendo induzir à conclusão de que estes mecanismos sintáticos não operam em nível inferior ao período composto, não ocorrendo dentro da oração.

Habilidades relacionadas

Reconhecer o encadeamento das orações pelo mecanismo da coordenação. Relacionar o uso de conjunções coordenativas variadas aos sentidos produzidos nas sequências.

- AZEREDO, José Carlos de. **Iniciação à Sintaxe do Português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

Este trabalho, além de um exame puramente gramatical, rediscute conceitos, examina os mecanismos internos da língua portuguesa, aborda o tema “Sintaxe e Discurso” e finaliza com análises de textos. Procurando fazer justiça à gramática tradicional e num reexame crítico desta, aponta rumos e apresenta soluções de análise, em um texto de valor para todos que se dedicam ao estudo da língua portuguesa. Destacamos aqui, o capítulo IV (páginas 48-53), onde o estudioso focaliza os processos de coordenação e subordinação.

Habilidade relacionada

Reconhecer o encadeamento das orações pelo mecanismo da coordenação.

- HENRIQUES, Cláudio César. **Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

Após uma introdução sobre classes gramaticais e funções sintáticas, o livro se dedica integralmente à estrutura da oração e do período, inserindo as referências necessárias sobre regência, concordância e colocação nos pontos pertinentes de cada capítulo – o que permite a você ter uma visão bastante objetiva de cada tema focalizado, sempre complementado por exercícios diversos.

Habilidades relacionadas

Reconhecer o encadeamento das orações pelo mecanismo da coordenação. Relacionar o uso de conjunções coordenativas variadas aos sentidos produzidos nas sequências.

- CANDIDO, Antonio et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas/Rio de Janeiro: Ed. da Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. O livro mostra como muitos autores, de maior ou menor representação, contribuí-

ram para a fixação do gênero em nossa cultura literária. Destacamos a apresentação inicial “A vida ao rés do chão”, leitura fundamental para aprofundarmos nossos conhecimentos sobre a história da crônica no Brasil.

Habilidade relacionada

Reconhecer a importância da crônica e do conto na literatura nacional.

- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Editora Ática, 2004. Em seu livro, a professora e pesquisadora Cândida Vilares sumariza, com extremo rigor, as possibilidades estruturalistas de análise de romances e contos. Após focalizar a evolução do gênero narrativo – da epopeia ao romance burguês – a autora aborda os elementos da narrativa: enredo, personagens, tempo, espaço, ambiente e narrador. O livro é enriquecido pelas considerações sobre tema, assunto, mensagem, ponderações sobre o tipo de discurso e, finalmente, comentários práticos que contemplam a análise de diferentes textos narrativos. De maneira didática, o livro associa a clareza no tratamento dos conceitos a uma seleção de textos literários que você pode analisar junto aos alunos.

Habilidades relacionadas

Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito. Identificar os elementos do enredo: apresentação, complicação, clímax e desfecho e Identificar o uso dos discursos direto e indireto.

- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985. Neste livro, a autora preocupa-se em relatar toda a polêmica travada na tradição literária clássica, uma vez estabelecida a relação entre personagem e pessoa humana, até a decadência de tal visão com a chegada dos formalistas russos. Assim, o professor encontra orientações para refletir sobre a concepção da personagem e sobre sua variação no decorrer de um percurso crítico, desde Aristóteles até as modernas perspectivas teóricas.

Habilidade relacionada

Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.

- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O Foco Narrativo**. São Paulo: Ática, 1991.
Neste livro, a professora encontra uma exposição didática e sistemática do importante recurso artístico em que se configura o foco narrativo. O livro apresenta, de forma simples, um instrumento técnico que contribui para a análise de textos narrativos ficcionais.

Habilidades relacionadas

Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.

- SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 2000.
O livro *Gêneros Literários*, de Angélica Soares, já se tornou um clássico na área a que se dedica. Destacamos as páginas 42 a 54. A autora analisa cuidadosamente os principais elementos da narrativa: enredo, personagens, tempo, espaço e ponto de vista. O livro serve como uma importante ferramenta a instrumentalizar o professor no trabalho com essas categorias de análise.

Habilidade relacionada

Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.

- MARTINS, Nilce de Sant'anna. **Introdução à estilística**. São Paulo: São Paulo, 1977.
Este livro é o resultado da experiência acumulada por Nilce Sant'Anna Martins em inúmeros cursos ministrados na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Destina-se especialmente a estudantes de Faculdades de Letras e a você, professor de português, mas é também de grande utilidade a todos que se interessam pelo estudo da nossa língua. Nele, a autora conciliou a parte teórica da matéria, extraída de ampla bibliografia, com uma exemplificação adequada e atraente baseada em autores representativos da literatura em língua portuguesa. Partindo da conceituação de estilística, a autora examina a estilística do som, a estilística da palavra, a estilística da frase, a estilística da enunciação, apresentando, ao final extensa sugestão de textos para análise estilística.

Habilidade relacionada

Identificar a presença de figuras de palavra, pensamento e de sintaxe nos gêneros estudados.

- GUIMARÃES, Hélio e LESSA, Ana Cecília. **Figuras de linguagem: Teoria e prática.** São Paulo: Editora Atual, 1988.

Figuras de Linguagem é o resultado de longa reflexão e prática de ensino de Hélio de Seixas Guimarães e Ana Cecília Lessa. Trabalhando com exemplos tirados tanto de escritores consagrados quanto de nosso cotidiano, propondo exercícios variados de identificação, criação e até de recriação de imagens, os autores nos mostram que as figuras de linguagem são inerentes à língua que praticamos no dia a dia.

Habilidade relacionada

Identificar a presença de figuras de palavra, pensamento e de sintaxe nos gêneros estudados.

- GARCIA, Othon. M. **Comunicação em prosa moderna.** 14. ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1988.

Neste livro clássico, Othon Moacyr Garcia apresenta ao leitor as sutilezas da moderna terminologia semântica e discute problemas linguísticos e lógicos com os quais se defrontam todos aqueles que se dedicam à escrita, profissionalmente ou não. Com sua vasta experiência, o autor ensina o leitor não somente a escrever com clareza e objetividade, mas, sobretudo, a pensar de forma coerente, aguçando seu senso crítico.

Habilidades relacionadas

Reconhecer e usar adequadamente a paragrafação e a pontuação.

Identificar o uso dos discursos direto e indireto.

Planejar e produzir um texto narrativo com base nos gêneros estudados.

- KOCH, Ingedore. **A coesão textual.** São Paulo: Contexto, 2007.

Sob o enfoque da Linguística Textual, o livro é dedicado ao exame dos diferentes mecanismos pelos quais a coesão se faz presente nos textos. Destacamos a seção sobre a coesão sequencial, onde a autora aborda a questão do encadeamento por conexão, extremamente produtivo para o estudo do mecanismo da coordenação.

Habilidades relacionadas

Reconhecer o encadeamento das orações pelo mecanismo da coordenação. Relacionar o uso de conjunções coordenativas variadas aos sentidos produzidos nas sequências.

Livros didáticos

- CARNEIRO, Agostinho Dias. **Redação em Construção**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Moderna 2001.

No capítulo 7 (páginas 68-93), o professor Agostinho Carneiro apresenta sob uma linguagem clara e objetiva todos os elementos da narrativa (narrador, tempo, espaço, personagens e enredo). Essa apresentação sempre está acompanhada de exemplos de textos narrativos e exercícios para aplicação dos conceitos teóricos citados. Para quem busca exemplos de textos atuais e concisos, assim como exercícios práticos bastante adequados para os alunos do Ensino Fundamental, o capítulo é de grande valia.

Habilidades relacionadas

Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.

Planejar e produzir um texto narrativo com base nos gêneros estudados.

- CEREJA, Willan Roberto; MAGALHÃES, Tereza Cochar. **Português: Linguagens**. 7ª série, 4ª ed. São Paulo: Editora Atual, 2006.

Entre as páginas 78 e 82 e entre as páginas 91 e 93, os autores exploram o gênero textual crônica. No primeiro momento, é apresentada a crônica *Na escuridão miserável*, de Fernando Sabino. O texto é acompanhado de questões de interpretação de texto que envolvem os elementos da narrativa, o binômio ficção/não-ficção e o emprego formal/informal da língua. Depois das questões, é apresentada uma proposta de produção textual que tenha por base a experiência cotidiana do aluno. Na página 91, é apresentada a crônica *Tatuagem*, de Moacyr Scliar, que foi inspirada no noticiário do jornal. Após o texto, figuram duas diferentes notícias a serem utilizadas pelos alunos como material para a produção de crônicas.

Habilidade relacionada

Planejar e produzir um texto narrativo com base nos gêneros estudados.

Distinguir texto ficcional e não-ficcional.

- CEREJA, Willan Roberto; MAGALHÃES, Tereza Cochar. **Português: Linguagens**. Literatura, produção de texto e gramática. 3ª série do Ensino Médio. 5ª ed. São Paulo: Atual, 2005.

Entre as páginas 70 e 74, os autores apresentam o gênero textual crônica, a história do seu desenvolvimento em nosso país e discutem a fronteira tênue da crônica entre o jornalismo e a literatura. Apresentam, também, a crônica “A última crônica, de Fernando Sabino, seguida de algumas questões de interpretação. É apresentada uma lista de coletâneas de crônicas para os que queiram alargar a leitura do gênero. Ao final, é apresentada uma proposta de produção textual do gênero em questão.

Habilidades relacionadas

Reconhecer a importância da crônica e do conto na literatura nacional, Planejar e produzir um texto narrativo com base nos gêneros estudados.

- DELMANTO, Dileta; CASTRO, Maria da Conceição. **Português: ideias e linguagens.** 7ª série, 12ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2006.

Na página 132, é apresentada a crônica *Os jornais*, de Rubem Barga. O texto funciona como o ponto de partida para a discussão sobre a temática das notícias comumente publicadas nos jornais e favorece a discussão sobre a natureza não-ficcional da notícia em oposição à natureza ficcional da crônica. O texto vem acompanhado de dez questões que trabalham a construção dos sentidos e a tipologia do narrador.

Habilidades relacionadas

Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito, Distinguir texto ficcional e não-ficcional.

- DELMANTO, Dileta; CASTRO, Maria da Conceição. **Português: ideias e linguagens.** 8ª série, 12ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2006.

Sugerimos consultar a unidade I (páginas 22-29). Nessa parte do livro, é apresentada uma tabela que sintetiza as conjunções mais representativas das orações coordenadas, assim como um quadro comparativo entre o processo de coordenação e subordinação. Existem, ainda, exercícios variados de reescrita de orações e sobre o valor semântico das conjunções coordenativas. Entre as páginas 68-70, 123-125 e 206-207, os autores trabalham o conceito de figuras de linguagem, apresentando vários exemplos e exercícios práticos.

Habilidade relacionada

Reconhecer o encadeamento das orações pelo mecanismo da coordenação. Relacionar o uso de conjunções coordenativas variadas aos sentidos produzidos nas sequências. Identificar a presença de figuras de palavra, pensamento e de sintaxe nos gêneros estudados.

- TERRA, Ernani e CAVALLETE, Floriana. **Português para todos**. 8ª série. São Paulo: Ed. Scpione, 2002.

Na página 109, você encontra um resumo bastante claro sobre os elementos do enredo. Lançando mão de uma comparação com história de filmes, os autores explicam, de modo bastante didático, em que consiste a apresentação, o conflito, o clímax e o desfecho. Você pode utilizar esse material nas primeiras aulas do ciclo.

Habilidade relacionada

Identificar os elementos do enredo: apresentação, complicação, clímax e desfecho.

Links e Vídeos

- <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=937>

Este *link* remete você ao site Portal do professor, do Mec, mais especificamente, a uma sugestão de plano de aula cujo objetivo geral é refletir sobre o gênero textual crônica. Apesar de estar direcionado para o Ensino Médio, a proposta pode ser adaptada para as aulas do 9º ano do Ensino Fundamental.

Habilidades relacionadas

Reconhecer a importância da crônica e do conto na literatura nacional.

Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.

- <http://g1.globo.com/pe/pe-educacao/projeto-educacao/noticia/2011/10/professora-explica-caracteristicas-da-cronica-um-genero-hibrido.html>

Neste vídeo (de 4'17"min), disponível no portal globo.com (Projeto Educação), a professora Flávia Suassuna aponta a crônica como sendo um gênero híbrido, ou seja, com características do texto jornalístico e do texto literário. Na aula do Projeto Edu-

cação, a professora destaca as particularidades técnicas da crônica, afirmando que o cronista enxerga além da notícia: ele vê a beleza ou o humor que há no fato. O vídeo foi gravado na cidade do Recife e mostra Samarone Lima, um jornalista/cronista que, ao observar o cotidiano dessa cidade, busca reescrevê-lo de forma mais poética.

Habilidades relacionadas

Reconhecer a importância da crônica e do conto na literatura nacional.

- <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/literatura-escola-7o-ano-chronicas-luis-fernando-verissimo-556378.shtml>

Este *link* direciona você para o site da revista *Nova Escola*, mais especificamente para uma sequência didática que integra um programa de leitura literária para o Ensino Fundamental II. O plano de aula se baseia nas crônicas de Luis Fernando Veríssimo, autor expoente do gênero. Nessa sequência, prevista para ser desenvolvida em cinco aulas, são sugerida a análise do texto “Ela”, de Veríssimo. O plano contém todos os passos a serem seguidos por você, caso se interesse em colocá-lo em prática com sua turma.

Habilidades relacionadas

Reconhecer a importância da crônica e do conto na literatura nacional.

Identificar foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.

- <http://www.youtube.com/watch?v=rjHJT2WwVtg&feature=related>
Neste *link*, você encontra um vídeo bastante de 9’40”, trecho do programa “De ponto em ponto se faz um conto” da série Palavra Puxa Palavra da MultiRio. O vídeo aborda a estrutura e as características da crônica e apresenta grandes cronistas da literatura brasileira. Curto, divertido e objetivo, o vídeo é bastante didático e enriquecedor.

Habilidade relacionada

Reconhecer a importância da crônica e do conto na literatura nacional.

Como avaliar

No processo de ensino/aprendizagem escolar, ensinar e avaliar são atividades interdependentes: uma alimenta a outra. É importante conscientizar os alunos de que, embora você seja o professor, e que eventualmente necessite atribuir notas às atividades desenvolvidas durante suas aulas, eles não necessariamente assumem uma posição passiva.

Mostre a eles que, juntos, vocês podem avaliar as práticas desenvolvidas, as dificuldades encontradas e possíveis equívocos cometidos por ambas as partes. Mais do que uma forma de fiscalização, o processo de avaliação é uma maneira de problematizar as ações implementadas nas aulas.

Sugerimos que você sempre busque avaliar, de forma qualitativa, os três grupos de habilidades que compõem o *Currículo Mínimo* de Língua Portuguesa: **leitura, uso da língua e produção textual**, ainda que, na proposta de produção textual, os alunos demonstrem em que patamar se encontra a construção do conhecimento nos três diferentes blocos de habilidades.

No que diz respeito à **leitura**, busque observar se os alunos cometem ou não o equívoco de confundir as categorias de narrador e autor, se possuem dificuldades em localizar os personagens da narrativa e se conseguem reconhecer qual é a temática da crônica e/ou o enredo nela desenvolvido. Esses conhecimentos, como são básicos, se não forem sistematizados pelo aluno neste bimestre, ele poderá ter profundas dificuldades quando trabalharmos com o gênero romance, dada a complexidade que se apresentará.

Também verifique se os alunos diferenciam com clareza os textos ficcionais dos não ficcionais. Para avaliar formalmente essa habilidade, além de usar o *Roteiro de Atividades*, você pode montar uma coletânea de textos nos quais os alunos devem ser capazes não apenas de distinguir a ficção da não-ficção, mas também de evidenciar de que modo efetivaram tal distinção.

Quanto à antologia de crônicas que sugerimos ser montada pelos alunos, preferencialmente fora do decurso da aula de português (pode ser feita em casa, na biblioteca da escola, na sala de informática etc.), avalie o nível de interesse demonstrado por eles e a pertinência dos textos nela incluídos quanto à natureza do gênero, não fazendo juízo de valor com relação a autores que não façam parte do cânone. Acima de tudo, o que almejamos é o contato maior do aluno com a leitura para além do tempo semanal dedicado à escolarização formal.

Com relação às habilidades de **uso da língua**, procure avaliar se os alunos têm clara a diferenciação entre os preceitos rígidos que regem a fala/escrita sob a ótica da gramática normativa e os preceitos maleáveis que orientam a fala/escrita sob o olhar da Estilística. Além disso, observe se os alunos têm a percepção de que o emprego das figuras de linguagem não é restrito apenas ao discurso literário.

Outra questão a ser levada em conta por você, no tocante ao uso da língua, remete à relação entre as conjunções e o efeito de sentido que incorporam ao enunciado. Reforce junto aos alunos que eles não devem, na tentativa de não cometer erros nas atividades propostas, decorar as conjunções e seus respectivos valores semânticos. Enfatize que a “decoreba” muitas vezes nos induz ao equívoco, tendo em vista que uma mesma conjunção pode assumir diferentes significações em função do contexto no qual estão inseridas.

Para avaliar essa questão, você pode priorizar a reescrita de fragmentos das crônicas lidas e de outras que você propuser nas avaliações formais (testes e provas) indicando o estabelecimento de relações discursivas diferentes das que apresentam nos textos. Além disso, atividades de reconhecimento do valor semântico expresso pelas conjunções – não se esquecendo de que é necessário retirá-las de um texto – são de grande valia para os alunos do nono ano.

No trabalho com a reescrita de orações, pode-se trabalhar paralelamente a questão da pontuação, já que o posicionamento de alguns conectivos no interior do período e a correlação com a pontuação podem acarretar a mudança do valor semântico daqueles (um bom exemplo é o conectivo **pois** quando figura entre vírgulas).

No que tange à **produção textual**, será um bom momento para avaliar se os alunos conseguem estruturar a narrativa a partir dos elementos essenciais e se respeitam a composição de enredo (apresentação, complicação, clímax e desfecho) do gênero textual em estudo. Lembre a eles que para construir uma narração que faça sentido ao leitor, todos os elementos do enredo seus elementos precisam compor um “todo significativo” e que a verossimilhança, nesse sentido, é fundamental.

Nesse bimestre, ainda que estejamos priorizando os textos narrativos, você pode solicitar que os alunos redijam uma crônica-comentário a partir de uma notícia de cunho relevante presente em um jornal. Antes de propor uma avaliação como essa, discuta com a turma a temática a ser desenvolvida no texto deles, a fim de que se sintam motivados para a escrita, e não obrigados a cumprir uma determinação imposta por você.